



Gerência de Vigilância e Controle de Doenças Transmissíveis – GVCDDT
Assessoria Técnica de Vetores, Zoonoses E Fatores Ambientais – ATVZFA

Assunto: Atualização do cenário epidemiológico de Febre do Oropouche.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

A Febre do Oropouche é uma doença causada por um arbovírus (vírus transmitido por artrópodes) do gênero Orthobunyavirus, da família Peribunyaviridae. Desde quando isolado pela primeira vez no Brasil em 1960, casos isolados e surtos foram relatados no Brasil, principalmente nos estados da região Amazônica. Também já foram relatados casos e surtos em outros países das Américas Central e do Sul¹.

A transmissão do Oropouche é feita principalmente pelo inseto conhecido como Culicoides paraensis (maruim). Depois de picar uma pessoa ou animal infectado, o vírus permanece no inseto por alguns dias. Quando o inseto pica uma pessoa saudável, pode transmitir o vírus¹.

Os sintomas são parecidos com os da dengue: dor de cabeça intensa, dor muscular, náusea e diarreia. O diagnóstico é clínico, epidemiológico e laboratorial. Todo caso com diagnóstico de infecção pelo OROV deve ser notificado. A Febre do Oropouche compõe a lista de doenças de notificação compulsória, classificada entre as doenças de notificação imediata, em função do potencial epidêmico e da alta capacidade de mutação, podendo se tornar uma ameaça à saúde pública¹.

Assim como as demais arboviroses, não existe tratamento específico. Os pacientes devem permanecer em repouso, com tratamento sintomático e acompanhamento médico¹.

2. CENÁRIO EPIDEMIOLÓGICO DE FEBRE DE OROPOUCHE NO BRASIL E NO NORDESTE

Durante o ano de 2023, 831 casos de Febre de Oropouche foram confirmados no Brasil. Até a semana epidemiológica (SE) 31, em 2024, foram confirmados 7.497 casos no país, o que representa um aumento de 802,1%. A SE com maior número de detecção de casos foi a SE 4, com 537 confirmações².

Na região nordeste do país, em 2023 não houve confirmação de nenhum caso da doença. Já em 2024, até a SE 30, 1.114 casos foram confirmados, com pico de detecção de casos ocorrendo na SE 16, com 101 casos. Dos Estados do Nordeste, apenas o Rio Grande do Norte não apresenta confirmação de casos no período em análise².

No mesmo período, há a confirmação de dois óbitos atribuídos à Febre de Oropouche no Brasil. Ambos aconteceram em indivíduos residentes da Bahia. Além disso, estudos vêm sendo desenvolvidos para compreender a associação da doença com a transmissão vertical, óbitos fetais e abortamentos.



3. CENÁRIO EPIDEMIOLÓGICO DE FEBRE DE OROPOUCHE EM ALAGOAS

Até o dia 06 de agosto de 2024, 19 casos de Oropouche foram confirmados através de Biologia Molecular realizada pelo Laboratório Central de Saúde Pública de Alagoas (LACEN-AL).

A **Tabela 1** demonstra a distribuição de casos por sexo e faixa etária, onde se verifica uma predominância na faixa etária de indivíduos entre 20 e 29 anos (31,5%), seguido de pessoas entre 30 e 39 anos (26,3%). Dos casos confirmados, 12 (63,1%) ocorreram em pessoas do sexo feminino, sendo destas, 10 em idade fértil, que representa 52,6% do total. Até o momento, não se conhece ocorrência de caso em gestante, nem óbito.

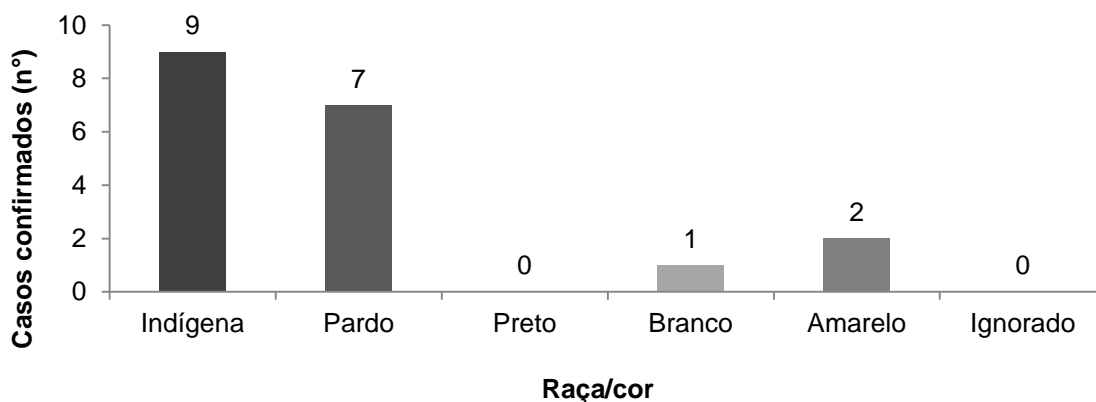
Tabela 1. Número de casos confirmados de Febre de Oropouche segundo sexo e faixa etária, Alagoas, 2024.

Faixa etária	Masculino	Feminino	Total
Menor 1 ano	0	0	0
1 a 4 anos	0	1	1
5 a 9 anos	0	0	0
10 a 14 anos	1	0	1
15 a 19 anos	0	2	2
20 a 29 anos	2	4	6
30 a 39 anos	1	4	5
40 a 49 anos	0	0	0
50 a 59 anos	3	0	3
60 a 69 anos	0	0	0
70 a 79 anos	0	0	0
80 anos e mais	0	1	1
Total	7	12	19

Fonte: GAL/AL. Dados obtidos em 06 de agosto de 2024.

A **Figura 1** demonstra a distribuição de casos de FO por raça/cor. Verifica-se predominância de casos identificados entre pessoas indígenas, com nove casos do total (47,3%), seguido por indivíduos da raça/cor parda, que representa 36,8% do total com sete casos.

Figura 1. Distribuição de casos de Febre de Oropouche segundo raça/cor, Alagoas, 2024.

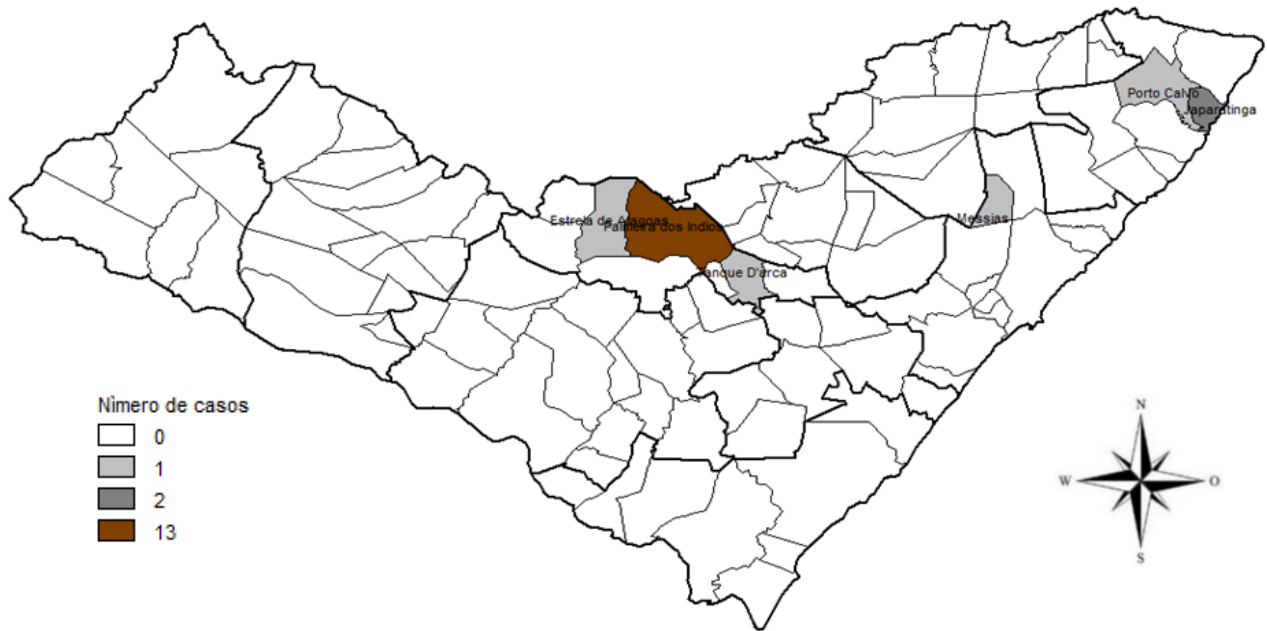


Fonte: GAL/AL. Dados obtidos em 06 de agosto de 2024.



A **Figura 2** apresenta os municípios com confirmação laboratorial de casos da doença em Alagoas. O município de Palmeira dos Índios apresenta o maior número de casos, com 13 confirmações (68,4%). Japaratinga apresenta dois casos confirmados (10,5%) e Estrela de Alagoas, Messias, Tanque D'arca e Porto Calvo apresentam um caso cada município. Vale ressaltar que os dados apresentados são preliminares, visto que a determinação exata dos locais de residência pode sofrer alteração, já que os municípios, em parceria com a SESAU, ainda estão investigando os locais prováveis de infecção (LPI).

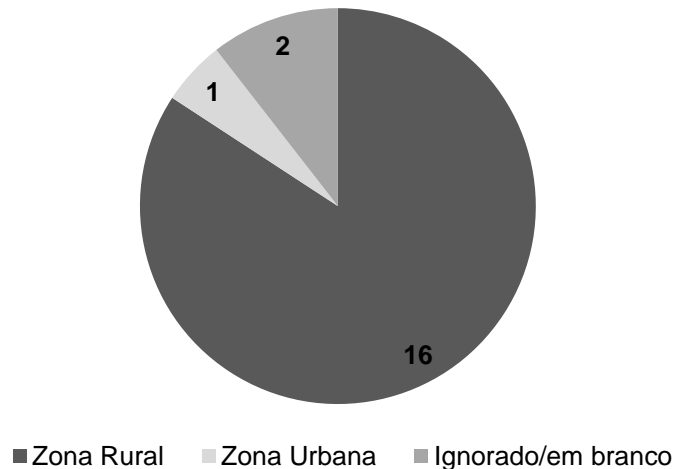
Figura 2. Distribuição de casos de Febre de Oropouche por município de residência, Alagoas, 2024.



Fonte: GAL/AL. Dados obtidos em 06 de agosto de 2024.

A **Figura 3** demonstra a distribuição de casos por zona de residência. 16 casos foram em indivíduos residentes na zona rural (84,2%). Somente um caso ocorreu em residente da zona urbana. Dois casos estão sem informação da zona de residência.

Figura 3. Distribuição de casos confirmados de Febre de Oropouche por zona de residência, Alagoas, 2024.

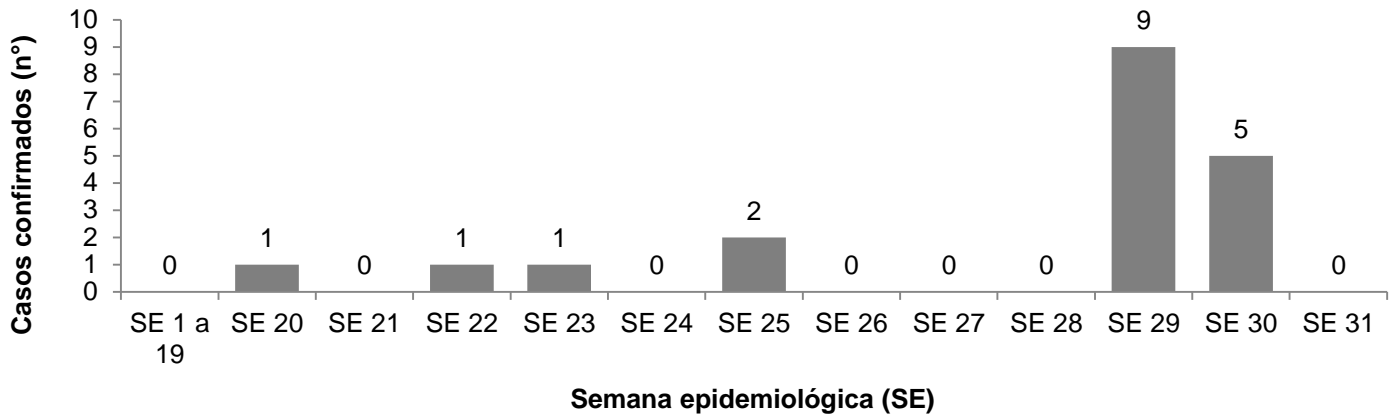


Fonte: GAL/AL. Dados obtidos em 06 de agosto de 2024.



A **Figura 4** apresenta a distribuição de casos confirmados de FO por semana epidemiológica (SE) de início de sintomas. A semana com maior número de casos do período foi a SE 29, no mês de julho.

Figura 4. Distribuição de casos confirmados de Febre de Oropouche por semana epidemiológica de início de sintomas, Alagoas, 2024.



Fonte: GAL/AL. Dados obtidos em 06 de agosto de 2024.

4. RECOMENDAÇÕES

Medidas de controle vetorial

- Realizar investigação entomológica para identificação taxonômica e diagnóstico virológico de artrópodes, com base no conhecimento prévio sobre os aspectos bioecológicos das espécies potencialmente envolvidas na transmissão, a fim de identificar o vetor primário e definir as medidas de prevenção e controle pertinentes;
- Trabalhar preventivamente com limpeza urbana, coleta regular de lixo, limpeza de córregos, galerias e piscinões regularmente eliminando possibilidade de acúmulo de água parada, de forma conjunta com os órgãos parceiros competentes;
- Preenchimento ou drenagem de poças, lagoas ou locais de alagamento temporário que possam servir como pontos de oviposição para os vetores fêmeas, possibilitando o crescimento/manutenção da infestação local;
- Eliminação da vegetação rasteira ao redor das instalações para reduzir os locais de repouso e abrigo de vetores.

Medidas de proteção coletiva e/ou individual:

- Proteção das residências com redes de malha fina nas portas e janelas, prevenindo-se, dessa maneira, também de outras arboviroses;
- Uso de roupas que cubram as pernas e os braços, especialmente em casas onde alguém esteja doente;
- Uso de repelentes, que podem ser aplicados na pele ou nas roupas expostas, com uso de acordo com as instruções do rótulo do produto;
- Uso de mosquiteiros tratados com inseticida ou não tratados com inseticida para pessoas que dormem durante o dia (por exemplo, gestantes, bebês, idosos e pessoas doentes ou acamadas).



Secretaria de Estado da Saúde – SESAU
Secretaria Executiva de Vigilância em Saúde – SEVISA
Superintendência de Vigilância e Controle de Doenças- SUVCD

REFERÊNCIAS

¹BRASIL, Ministério da Saúde. **Oropouche**, 2024. Disponível em: < <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/o/oropouche>>. Acesso em 06 de agosto de 2024.

²BRASIL, Ministério da Saúde. **Painel epidemiológico: Oropouche**. Disponível em:< <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/o/oropouche/painel-epidemiologico>>. Acesso em: 06 de agosto de 2024.